



O emprego do atirador designado no Grupo de Combate: a utilização da mira mecânica (aberta) para realizar disparos com eficiência até 300 m

2º Sgt Inf nº - 075 – **FÁBIO** BATISTA GUIMARÃES

2º Sgt Inf nº - 078 – **THIAGO** GONÇALVES BITTENCOURT

2º Sgt Inf nº - 090 – **EVERTON** MONTEIRO KRÁS

2º Sgt Inf nº - 105 – **ANDREUS** CARDOSO LAMBRECHT

Orientador: Ten Inf Danilo Silva Franco

RESUMO

Este ensaio busca analisar o emprego do Atirador Designado no grupo de combate em prol do pelotão de fuzileiros em qualquer situação de emprego. A pesquisa realizada tratou de conhecer o cerne da doutrina - originariamente das Forças Armadas Americanas - trazendo para a realidade do Exército Brasileiro (EB), com suas peculiaridades e necessidades, tendo como objetivo principal adestramentos específicos para realizar tiros com eficiência e controlados até 300 metros, utilizando fuzil de assalto de dotação dos fuzileiros, munição comum, mira mecânica (aberta). Foi realizada uma revisão bibliográfica, usando como referência o planejamento baseado em capacidades, utilizando manuais dos Exércitos Brasileiro e Norte-Americano, artigos científicos, buscas em sites na internet, trabalhos de conclusão de cursos no Exército Brasileiro, dados de relatório de uma atividade conduzida por integrantes das Forças Especiais na guarnição militar de Porto Murtinho-MS, também foi aplicado um questionário a militares de inúmeras organizações militares do EB. Ao final, será permitido concluir que há viabilidade na função de “Atirador Designado”, contanto que a doutrina seja devidamente treinada e disseminada.

Palavras-chave: Grupo de Combate. Atirador Designado. Mira Mecânica.

1 INTRODUÇÃO

O emprego do termo “Atirador Designado” vem se ampliando no cotidiano das forças armadas e nas forças de segurança pública no Brasil. Em alguns casos, esse termo tem provocado algumas distorções e alguns equívocos quanto ao emprego operacional desse militar.

Para isso, começar-se-á este trabalho falando um pouco das diferenças dos especialistas em tiro de precisão que existem no Brasil, como os Caçadores dos Batalhões de Infantaria, os Caçadores de Operações Especiais, o Atirador Policial e do Atirador Designado, sendo este foco do presente estudo.

Diante disso, pretende-se apresentar um breve histórico da origem, experiências em outros exércitos e a aplicação operacional para viabilizar tal função. A importância desse estudo ganha destaque nos órgãos de segurança pública e nas forças armadas pela crescente demanda de formar militares capazes de realizarem disparos com eficiência a média distância.



Em suma, a proposta é aproveitar os militares que se destacaram nas instruções de tiro previstas na unidade, como o Tiro de Instrução Básico (TIB), o Tiro de Instrução Avançado (TIA), Tiro de Combate Básico (TCB) e o Tiro de Combate Avançado (TCA) para a realização de treinamentos específicos para tiros até 300 m, utilizando o fuzil de dotação, com munição comum e sem equipamento óptico de magnificação.

Um dos fatores mais importantes da proposta é a utilização da mira mecânica pelo atirador. Apresentar as dinâmicas de treinamentos específicos com a mira aberta, os fundamentos de tiro, utilizando os meios disponíveis do batalhão e futuramente caso receba meios optrônicos, faça uma adaptação com o novo equipamento. Outra justificativa do trabalho se alicerça no conhecimento das capacidades do armamento de dotação do militar e do seu correto emprego para evitar danos colaterais em operações.

2 BREVE HISTÓRICO E EXPERIÊNCIAS EM OUTROS EXÉRCITOS

A ideia de melhorar a performance de um atirador é antiga e remonta à Guerra da Crimeia (1853 a 1856), quando um militar desenvolveu uma mira telescópica para fuzis. Conta a história que, após visualizar dois combatentes, sendo que um portava equipamento de observação e o outro um fuzil, o Ten Cel David Davidson teve a ideia de aperfeiçoar as funções e criar uma mira telescópica básica para fuzis (HASKEW, 2016 apud AMORIM JUNIOR, 2021).

Esse pensamento se desenvolveu criando a figura do Atirador de Elite, tecnicamente treinado para vários tipos de missões, portando fuzis de repetição, aquele que necessita da ação do operador para realizar as atividades de extração do cartucho e carregamento, e capazes de operar de forma independente, sendo, muitas vezes, uma fonte de informações para tomada de decisão, além de ser um operador com um amplo conhecimento de balística, camuflagem e cartografia.

Após a Segunda Guerra Mundial, as lições aprendidas foram consolidadas, e um grupo de líderes seniores Norte Americanos formou o Conselho de Equipamentos do Departamento de Guerra para discutir quais equipamentos funcionavam bem e quais os requisitos previstos de futuras guerras exigiriam em relação a equipamentos e treinamento. Um resultado disso foi a formação de um novo curso de qualificação, que englobava as lições aprendidas com os combates nos teatros do Pacífico e da Europa. Era conhecido como o Curso de Qualificação de Rifle de 1949.30.

Em 1963, foi adotado o Atirador Designado pelo Exército Russo utilizando o Fuzil Dragunov SVD, que foi desenvolvido especificamente para a função.

No mundo, grande parte dos exércitos empregam as equipes de caçadores em prol do batalhão, isso faz com que, por vezes, os pelotões que operam de forma isolada fiquem sem o apoio proporcionado por esses elementos.

Nas patrulhas realizadas pelos pelotões das Forças Armadas americanas no Afeganistão, por mais que possuíssem metralhadoras leves ou médias, estas não se mostravam eficientes devido à distância de engajamento com o inimigo. Surgia, aí, a necessidade de um atirador dentro da patrulha, que fosse capaz de neutralizar as ameaças a uma distância média. Dado o ambiente complexo, do aumento significativo dos dispositivos explosivos improvisados (IED, na sigla em inglês) e da capacidade do insurgente abandonar suas armas e se misturar com a população local, manobrar sobre a resistência inimiga não era uma opção que obteria sucesso. Até mesmo a utilização de morteiros e artilharia demandariam muito tempo e causariam grandes danos colaterais e, conseqüentemente, o risco de matar civis inocentes. Naquele ambiente operacional, viu-se a necessidade de cobrir a lacuna existente entre os fogos da patrulha, que são eficazes até uma distância de 300 m e do fogo do caçador que se inicia aos 600 m. (BARNOLLAR 2016).



3 O EMPREGO DO ATIRADOR DESIGNADO COM MIRA MECÂNICA (MIRA ABERTA)

Um relato de emprego de um Atirador Designado ocorreu no ano de 1966 durante a operação de imposição da paz na cidade de Santo Domingo, capital da República Dominicana. Alguns postos de vigia de um dos batalhões do Regimento Escola de Infantaria (REI) passaram a ser alvejados por um franco-atirador da guerrilha inimiga. Os disparos eram realizados de prédios altos a uma distância aproximada de 400 m, contudo, a área era habitada por civis e, portanto, não poderia ser utilizada artilharia ou qualquer armamento pesado. Naquela época, o Exército Brasileiro não dispunha de caçadores, entretanto, o sargento Nunes, da equipe de tiro do Exército, havia levado consigo um Fuzil Automático Leve (FAL) “customizado” e que não dispunha de luneta, com o qual disputava campeonatos de tiro.

O sargento recebeu a missão de neutralizar o franco-atirador da guerrilha e, juntamente um companheiro (observador), ocupou na madrugada seguinte uma posição da qual podia bater os prédios de onde provinham os tiros. Os dois homens passaram a revezar-se na observação e Nunes aproveitou para fazer uma regulagem de seu fuzil, considerando a distância média das diversas janelas dos prédios. Usando como alvo um ponto nítido em uma parede clara, fez alguns disparos enquanto o observador identificava o traço da trajetória e o local dos impactos com uma luneta de observação. Terminado este trabalho, ficaram à espreita. Ao cair da tarde, o guerrilheiro disparou de uma janela e a chama do disparo foi vista por Nunes, que imediatamente apontou seu fuzil para o local onde observara o clarão. O inimigo estava habituado a realizar vários disparos da mesma posição sem ser incomodado e novamente atirou. Mas desta vez recebeu o troco, pois Nunes disparou em cima do segundo clarão. Em São Domingos os brasileiros não foram mais molestados por caçadores (BRASIL, 2006, p. 1-4 apud MENDES, 2020, p. 25).

Um dos maiores exemplos de destaque individual em uma guerra é o do finlandês Simo Häyhä, que utilizava mira aberta na ocupação soviética em 1939, logo nos primeiros meses da Segunda Guerra Mundial. Häyhä é considerado o sniper mais letal da história, já que abateu, oficialmente, mais de 500 homens.

Simo Häyhä (17 de Dezembro de 1905 - 1º de Abril de 2002), apelidado de **Morte Branca** (valkoinen kuolema, em finlandês) pelo Exército Vermelho russo. Ele foi um franco-atirador finlandês que, portando um rifle Mosin-Nagant modificado, alcançou o número recorde de 505 baixas confirmadas, usando um rifle desse tipo, durante a Guerra Soviético-Finlandesa. Häyhä nasceu na fronteira entre Finlândia e Rússia, onde trabalhava como caçador e fazendeiro, e entrou no serviço militar em 1925. Durante a Guerra Soviético-Finlandesa, que teve início três meses depois do início da Segunda Guerra Mundial, Häyhä serviu como franco-atirador do Exército Finlandês contra o Exército Vermelho na 6ª Companhia de JR 34 no Rio Kollaa. Exposto à uma temperatura que variava entre -40 e -20°C, vestindo uma roupa camuflada totalmente branca, Simo Häyhä matou 505 soldados soviéticos. Uma contagem diária era feita para descobrir a performance dos franco-atiradores posicionados no Rio Kollaa, e, surpreendentemente, Häyhä realizou esse feito em menos de 100 dias. Em outras palavras, ele obteve uma média de cinco baixas confirmadas por dia, numa época do ano com pouquíssimas horas de luz solar por dia. Häyhä usou uma variante finlandesa do fuzil russo Mosin-Nagant. Ele preferia usar mira de ferro em vez de miras telescópicas, para se tornar um alvo menor para os atiradores inimigos, já que atiradores que usam miras telescópicas devem levantar mais a cabeça para obter uma maior estabilidade, além da mira telescópica embaçar facilmente no frio e refletir a luz do sol, revelando facilmente a posição do atirador (PORTO, 2022, **grifo do autor**).



4 FATORES DETERMINANTES DAS CAPACIDADES (DOAMEPI)

O Exército Brasileiro adota a geração de forças por meio do planejamento baseado em capacidades (PBC). A capacidade é obtida a partir de um conjunto de sete fatores determinantes, inter-relacionados e indissociáveis.

4.1 Doutrina

Nos batalhões de infantaria, é previsto o emprego de caçadores que atuam em prol do batalhão, esses militares operam dentro da zona de ação de sua unidade e de suas possibilidades. Os caçadores dos batalhões de infantaria cumprem missões específicas, sempre que possível buscam informes para sua unidade, atuam na eliminação de atiradores de arma coletiva, chefes, motoristas de carro de combate, observadores avançados inimigos, contra caçador e outros alvos táticos significativos (BRASIL, 1998).

No comando de operações especiais, existe o caçador de operações especiais. Esses militares cumprem missões específicas como alvos táticos de extrema importância e alvos inimigos que visam objetivos estratégicos, políticos, econômicos, psicossociais ou militares, podendo ser em território hostil ou sob o controle do inimigo sem duração definida. Atuam em proveito de ações diretas executadas pelas forças de operações especiais, realizam ação direta seletiva antipessoal e antimaterial, participam de operações de contraterrorismo, e também como sensor de inteligência e missões de acolhimento (comitê de recepção).

Nas forças de segurança pública, utiliza-se o termo atirador policial, que são policiais possuidores de curso de atirador específico e são parte integrante de unidades táticas. Esses militares são regulados por ordenamento jurídico, são empregados em zonas urbanas que envolvam reféns, com a função principal de salvar vidas de pessoas inocentes. Agem com precisão cirúrgica,

tempo e área de exposições limitadas visando incapacitação instantânea, atuam em distâncias raramente maiores que 100 m. Muitas vezes, os Órgãos de Segurança Pública fazem o Estágio de Caçador do Exército Brasileiro.

Segundo a doutrina do Exército dos Estados Unidos da América o Atirador Designado deve possuir total conhecimento e domínio dos fundamentos de tiro com fuzil, balística, correção de miras em lateralidade e elevação, bem como estimativa de distâncias.

Sua missão primária é estar desdobrado com seu grupo ou equipe e sua missão secundária é engajar alvos entre 300 e 600 m com efetividade, utilizando um fuzil semiautomático, luneta telescópica e munição padrão (UNITED STATES, 2008, p. 7-62).

4.2 Organização

O Atirador Designado se enquadra na estrutura organizacional da Força Terrestre dentro do Grupo de Combate (GC), o que vai aumentar o poder de combate dos pelotões dos batalhões de infantaria.

Analisando a organização atual do GC, entende-se que a melhor situação seria o Atirador Designado ocupar a função de Soldado 1º Esclarecedor, visto que, de acordo com a composição do pelotão de fuzileiros, esse militar não tem função específica, o que torna o claro mais indicado a ser ocupado pelo atirador.



Tabela 1 - Organização do GC

COMPOSIÇÃO	FUNÇÃO
	Cmt GC
1ª Esquadra	Cb Cmt 1ª Esquadra
	Sd 1º Esclarecedor – Sd Atirador Designado
	Sd 2º Esclarecedor e At L Roj
	Sd Atirador da 1ª Esquadra
2ª Esquadra	Cb Cmt 2ª Esquadra
	Sd 3º Esclarecedor e Granadeiro
	Sd 4º Esclarecedor e At L Roj
	Sd Atirador da 2ª Esquadra

Fonte: Elaborado pelo autor.

4.3 Adestramento

A proposta é adestrar o militar com a sua mira mecânica (mira aberta) e capacitá-lo a engajar alvos até 300 m com eficiência, evitando danos colaterais. No futuro, quando a OM adquirir ou receber o meio optrônico ou luneta, estes militares realizarão a adaptação específica do armamento com os novos equipamentos de pontaria.

Os militares seriam selecionados no primeiro trimestre e durante o ano de instrução receberiam um adestramento específico, tendo as OM que organizar da melhor forma um plano trimestral ou, pelo menos, semestral. Podendo, ainda, visando o aprimoramento de seu adestramento, utilizar pistas de combate, onde os atiradores serão colocados em situação de estresse, a fim de testar suas capacidades psicomotoras e sua tomada de decisão, em um curto espaço de tempo. Em um nível mais elevado, realizar um adestramento nível GC com o uso dessa nova capacidade.

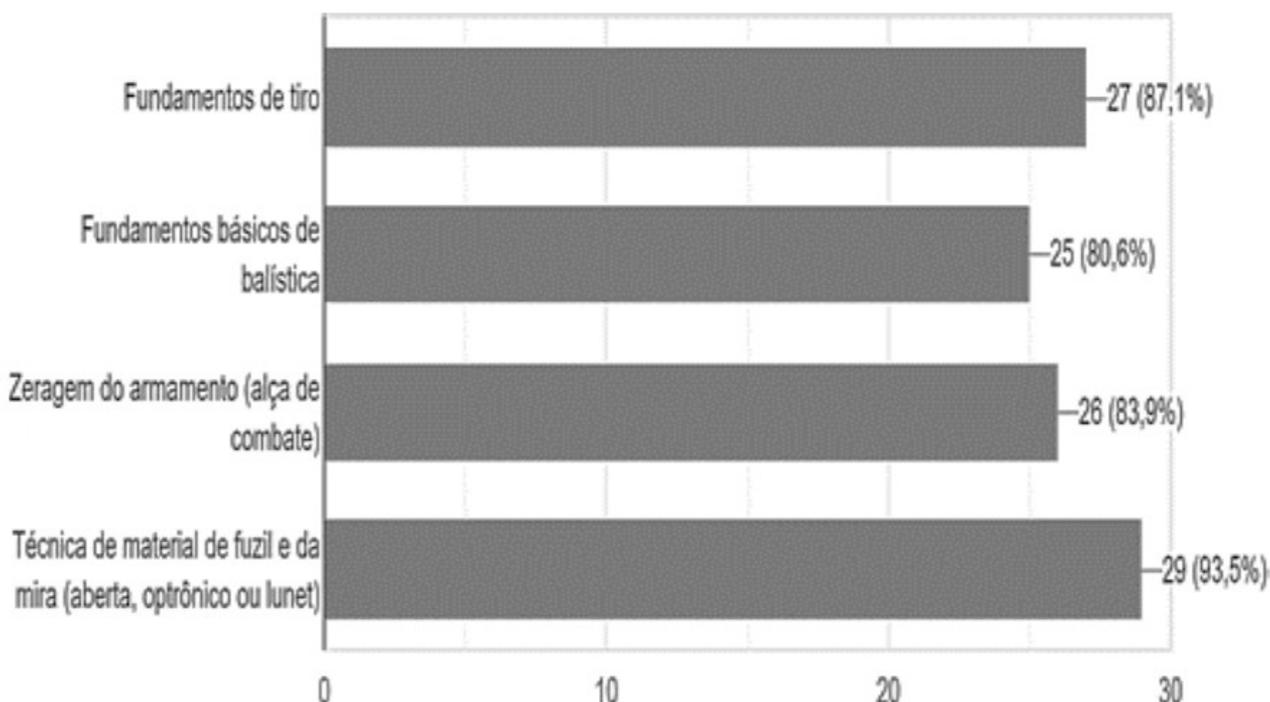
Uma pesquisa realizada por este grupo levantou, dentro do universo de militares possuidores do estágio de caçador do Exército Brasileiro, quais seriam as instruções essenciais para o adestramento do Atirador Designado, obtendo o seguinte resultado apresentado no Gráfico

destacado na página ao lado. Em uma atividade realizada no Brasil, no ano de 2019, na guarnição de Porto Murinho – MS foi realizado um adestramento de tiro conduzido por militares do 1º Batalhão de Forças Especiais com três pelotões do 17º Batalhão de Fronteira, militares todos do efetivo profissional, que possuíam um bom treinamento de tiro. O foco do adestramento era a realização de técnicas de tiro de precisão, zeragem da alça de combate, noções básicas de balística, fundamentos de tiro e posições de tiro.

Foram colocados alvos metálicos de aço (AR-500 liga metálica de alta resistência) nas dimensões de 45 cm por 100 cm entre as distâncias de 100 a 300 m. A instrução foi dividida em três fases, a primeira com a realização da zeragem de todos os armamentos onde cada militar agrupou seu tiro a uma distância de 25 m.



Gráfico 1 - Principais instruções para o adestramento do Atdr Designado

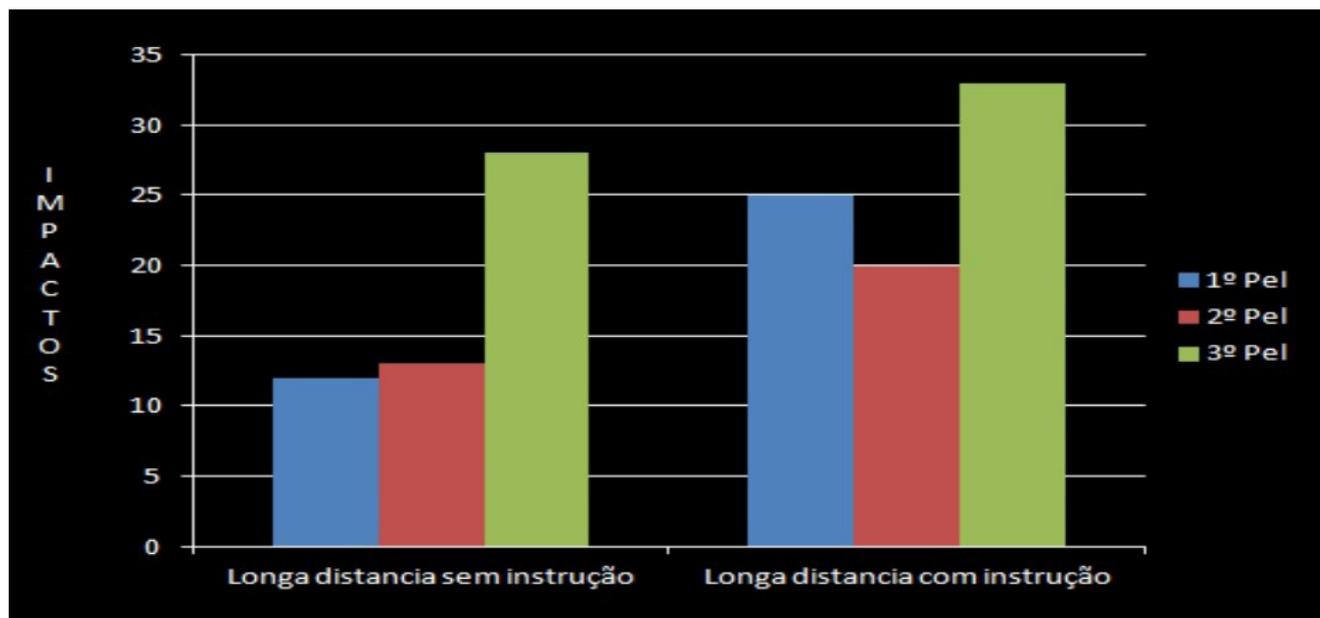


Fonte: Elaborado pelo autor.

Na sequência, deu-se início à segunda fase, com a realização de disparos até 300 m sem nenhum tipo de instrução, na terceira, a mais importante, onde todos os militares tiveram instruções específicas para tiro a média distância, como noções básicas de balística, fundamentos de tiro, posições de tiro, etc., realizando ao final das instruções o mesmo módulo de tiro até 300 m.

Ao final das atividades, é possível verificar a grande evolução dos militares pós- instrução de tiro a média distância. O Gráfico 2 mostra a diferença de o militar conhecer as capacidades do seu armamento, bem como saber onde está atirando, tendo o controle do seu fuzil, realizando disparos com eficiência, com responsabilidade, provando que todos os militares evoluíram consideravelmente.

Gráfico 2 - Módulo realizado com mira aberta nas distâncias entre 100 a 300 m



Fonte: Elaborado pelo autor.



4.4 Material

A dotação dos soldados do grupo de combate do pelotão de fuzileiros dos batalhões de infantaria é normalmente o fuzil automático leve M964 (FAL), PARAFAL ou IA-2, com um alcance de utilização que pode chegar até 600 m, sendo seus calibres 7,62 mm e 5,56 mm, respectivamente (BRASIL, 2009).

Algumas unidades do EB possuem em suas reservas de armamento uma tampa da caixa da culatra do FAL e do PARAFAL com uma luneta OIP 3,6x acoplada, porém, devido ao tempo de uso e ao desgaste natural do equipamento, a maioria encontra-se sem condições de uso. A aquisição desse material se torna inviável dado o elevado custo e de ser um material já obsoleto. Em relação aos alvos mais indicados, seriam os metálicos (aço AR-500, que é uma liga metálica de alta resistência que suporta inúmeros impactos sem deformações, ou similares), utilizados ao redor do mundo em competições de tiro e em treinamentos militares, que possuem grande durabilidade e podem ser adquiridos em empresas nacionais.

4.5 Educação

A formação dos Atiradores Designados dos Grupos de Combate (GC) do Pelotão de Fuzileiros teria a base do treinamento do Caçador Militar, com a equipe de instrução composta por Oficiais e Sargentos formados

Caçadores Militares no âmbito de suas brigadas ou pela Seção de Tiro da Academia Militar das Agulhas Negras ou pelo Centro de Instrução de Operações Especiais.

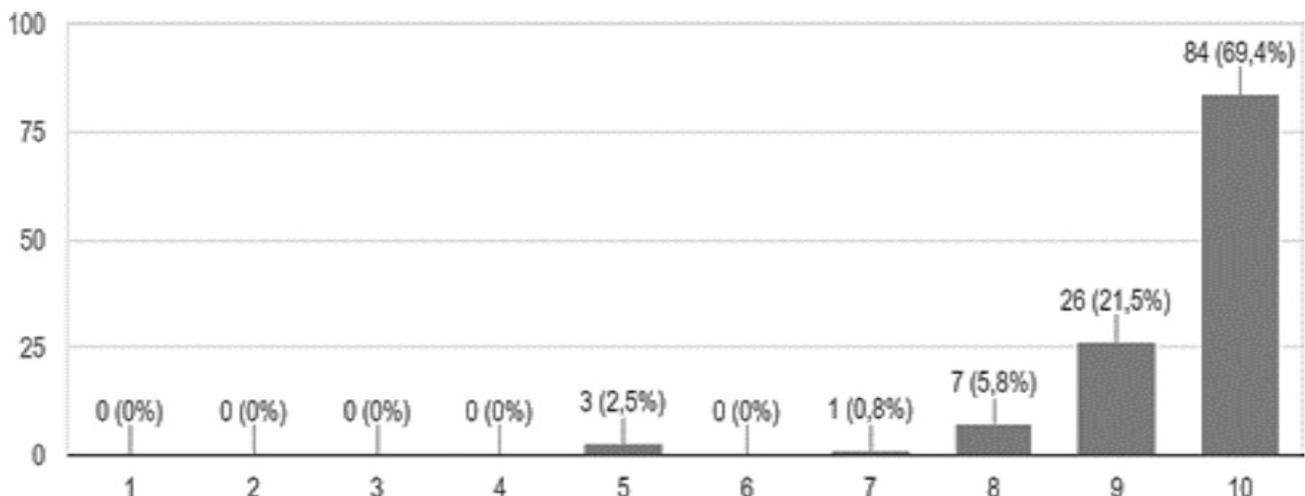
4.6 Pessoal

Tendo em vista essa missão ser sensível, este militar deve possuir alguns atributos específicos a serem aplicados nessa seleção. Podem ser utilizados os requisitos básicos da seleção do candidato a Caçador, previsto no Manual IP-21.2, desse modo, o Caçador, deve ter: excelente desempenho no Tiro de Instrução Básico (TIB), excelente preparo físico, bem como equilíbrio emocional, disciplina, paciência, inteligência e responsabilidade (BRASIL, 1998).

Após a seleção do Atirador Designado do GC, este deve ocupar a função de Sd 1º Esclarecedor, visto que, de acordo com a composição do pelotão de fuzileiros, o Sd 1º Esclarecedor não tem função específica, o que o torna o mais indicado a ser ocupado pelo Atirador Designado.

Além disso, ao realizar-se um questionário com militares de diversas Organizações Militares do EB, muitos dos quais com experiência em operações de paz e/ou força de pacificação, verificou-se que mais de 90% dos entrevistados sentiram a necessidade de possuir um militar no seu GC com a capacidade de engajar alvos de forma seletiva e eficaz, conforme mostra o Gráfico 3.

Gráfico 3 - Importância de possuir um Atdr Designado no GC



Fonte: Elaborado pelo autor.



4.7 Infraestrutura

Apesar da grande maioria das unidades não possuírem estande de tiro para a realização de tiro até 300 m, é possível a utilização de áreas dentro do campo de instrução da unidade, do apoio de estande de tiro da guarnição ou até mesmo das instalações civis locais (clubes de tiro).

Cabe destacar que a utilização de um local que forneça distância nesses parâmetros é de suma importância para o adestramento do Atirador Designado, não basta simular alvos em tamanhos diferentes a distâncias curtas.

Somente realizando tiros mais longos, o militar terá noção dos seus fundamentos, das influências meteorológicas e, principalmente, realizará suas reais correções de tiro.

5 CONCLUSÃO

Conforme mostra o histórico dos conflitos e as experiências em outros exércitos, a utilização do Atirador Designado é um multiplicador de poder de combate.

Outro aspecto observado é a possibilidade de empregar esse militar utilizando somente a mira aberta e seu fuzil de dotação. A instrução ministrada pelos militares do 1ª BFE citada neste ensaio, seguindo a mesma doutrina, somente enfocando as instruções para esta nova capacidade, foi possível observar uma evolução significativa na precisão dos tiros realizados até 300 m. No desenvolvimento do presente trabalho, procurou-se subsidiar a proposta por meio dos fatores determinantes das capacidades, onde mostra-se a possibilidade do emprego dessa função dentro de cada fator.

Por fim, há viabilidade da implantação da função do Atirador Designado no GC, empregando os recursos humanos e materiais existentes nas unidades, no entanto, faz-se necessário um estudo mais aprofundado sobre o tema, no intuito de detalhar suas possibilidades e limitações, criar uma doutrina para o seu emprego e atualizar os manuais

existentes, formalizando assim essa função no âmbito do Exército Brasileiro.

REFERÊNCIAS

BARNDOLLAR, G. The Precision Engagement GAP. *The Journal Of Military Operations*, Tel Aviv, v. 3, n. 2, p. 4-6, jan. 2016. Disponível em: <https://www.tjomo.com/read/10/files/assets/basic-html/page-1.html#>. Acesso em: 26 mar. 2022.

BRASIL. Ministério do Exército. Estado-Maior do Exército. O caçador: IP 21-2: instruções provisórias. 1. ed. Brasília: Ministério do Exército, 1998. Disponível em: <https://bdex.eb.mil.br/jspui/bitstream/123456789/320/1/IP-21-2.pdf>. Acesso em: 17 mar. 2022.

BRASIL. Ministério da Defesa. Exército Brasileiro. Comando de Operações Terrestres. Pelotão de Fuzileiros: C 7-10/1: caderno de instrução. 1. ed. Brasília: Ministério da Defesa, 2009.

MENDES, A. R. F. A necessidade da criação da escola de caçadores do Exército Brasileiro. 2020. 67 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Ciências Militares) - Academia das Agulhas Negras, Resende, 2020. Disponível em: <https://bdex.eb.mil.br/jspui/handle/123456789/7964>. Acesso em: 16 fev. 2022.

AMORIM JUNIOR, A. O “Atirador Designado” e a atividade policial: um olhar crítico sobre os aparelhos de pontaria. *Revista Brasileira de Estudos de Segurança Pública*, Goiânia, v. 14, n. 2, p. 155-172, 2021. Disponível em: <https://revista.ssp.go.gov.br/index.php/rebsp/article/view/553>. Acesso em: 15 fev. 2022.

PORTO, G. A morte branca. *InfoEscola*, [S. l.], 2022. Disponível em: <https://www.infoescola.com/curiosidades/a-morte-branca/>. Acesso em: 18 mar. 2022.

UNITED STATES. Headquarters Department of the Army. Rifle Marksmanship M16-/M4- Series Weapons: FM 3-22.9 C1. Washington: Headquarters Department of the Army, 2008.